

PEDAGOGIA EM AMBIENTES HOSPITALARES

Adriana Pereira Magalhães¹
Nelsa de Souza Brandão²
Riquene Aparecida Franco³
Adriane Weckrlin Bello⁴

RESUMO

As constantes modificações da sociedade fazem com que a formação docente desenvolva habilidades para atuação em espaços não escolares, como o hospital, atuando junto a crianças e adolescentes que, devido a internação, cessam mesmo que temporariamente o seu processo de escolaridade. A Pedagogia Hospitalar tem adquirido um papel fundamental dentro da educação, pois firma-se como uma modalidade de ensino que tem como proposta acompanhar crianças e adolescentes em situações de ausência da escola. A pedagogia ganha enfoque, pois há uma preocupação em fazer com que as crianças internadas não percam os conteúdos escolares. Diante deste contexto, a pesquisa tem por objetivo apresentar a pedagogia no ambiente hospitalar, utilizando método de pesquisa bibliográfica e de campo qualitativa de caráter exploratório descritiva. Notando o fato de que muitas crianças e adolescentes perdem conteúdos escolares enquanto internados e perdem o ano letivo se dá a justificativa. O embasamento teórico teve contribuição de alguns autores: Mugiatti (2009), Rodrigues (2012) e Matos (2014). A problemática: há uma metodologia específica para as crianças em situações hospitalares.

Palavras-chave: Educação. Crianças e adolescentes. Hospitalar.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo o serviço hospitalar era exclusivo aos profissionais de saúde. Nos dias atuais, este cenário é diferente, a cada dia se torna mais evidente a importância da presença de multiprofissionais e dentre eles o pedagogo. A educação e a saúde deverão andar de mãos dadas, buscando soluções qualitativas para o aprendizado de crianças e jovens hospitalizados. Ao receber o conhecimento por meio da educação as crianças e jovens terão forças para reagir ao tratamento, renovando o seu fôlego e recompensando a sua saúde.

¹ Graduanda do último semestre de Pedagogia Adriana Pereira Magalhães.

² Graduanda do último semestre de Pedagogia Nelsa de Souza Brandão.

³ Graduanda do último semestre de Pedagogia Riquene Aparecida Franco

⁴ Professora Orientadora do Univag, Pedagoga, Especialista e Mestre em Ciência da Educação

A justificativa da escolha do tema em questão se deu pelo fato de que muitas crianças e adolescentes perdem conteúdos escolares enquanto internadas, levando às vezes a perda do ano letivo. A pesquisa foi realizada na Santa Casa em Cuiabá-MT. Entrevistamos uma pedagoga hospitalar através de um questionário onde foi levantada a seguinte questão: Há uma metodologia específica para as crianças em situações hospitalares? Trata-se de uma pesquisa de campo qualitativa de caráter exploratório descritivo que visa uma maior aproximação do pesquisador com o problema tornando-o mais claro.

Segundo o Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial – SEESP (BRASIL, 2002, p. 15-16), ambientes planejados favorecem o desenvolvimento e a construção do conhecimento para esses estudantes, no âmbito da educação básica, respeitando as capacidades e necessidades especiais de cada indivíduo.

Partindo do indício de que a educação está presente em toda parte e que a escola não é o único espaço para que ela aconteça, podemos perceber que é cada vez mais recorrente a atuação dos pedagogos em espaços não escolares. Os hospitais são um desses espaços, partindo da necessidade de atender crianças e jovens em período de escolarização que se encontram afastados do meio escolar por motivo de internamento e/ ou tratamento hospitalar. Matos e Mugiatti (2006, p. 83) tornam clara tal necessidade:

Todos têm direito à escolaridade; mas, para isso é necessário criar as necessárias condições nos grandes hospitais pediátricos ou nos hospitais que tenham crianças/adolescentes em idade de escolarização hospitalizados. Portanto é importante buscar para estas atividades educadores especializados e competentes no trabalho pedagógico. A inserção da pedagogia no espaço hospitalar não pode ser dissociada de um projeto pedagógico adequado. A relação entre homem-realidade, homem-mundo, sempre implica transformação. Conforme se estabelece relações, o homem pode ter ou não condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir.

A atuação do pedagogo pode acontecer em diferentes espaços, como em brinquedotecas, nos ambulatórios, nos quartos, nas enfermarias e nas classes hospitalares. Nosso estudo tem como foco responder a seguinte questão: Há uma metodologia específica para crianças em situações hospitalares? De acordo com Fonseca (apud MATOS, 2014, p. 103):

Cada criança tem seu próprio ritmo e internaliza de forma diferenciada sua aprendizagem de acordo com seu interesse e necessidade. O meio em que a criança vive é de grande importância para seu aprendizado, portanto cabe às pessoas que a cercam,

no caso hospitalar o pedagogo, oferecer uma variação de coisas que ela possa olhar, manusear, experimentar, pensar e fazer.

Todavia, o professor deve trabalhar atividades diferenciadas de forma particular com cada paciente, estimular o educando a novos conhecimentos, entretanto respeitando suas limitações.

A pedagogia hospitalar por suas peculiaridades e características situa-se numa inter-relação entre profissionais da equipe médica e a educação. Tanto pelos conteúdos da educação formal, como para a saúde e para vida, como pelo modo de trazer continuidade do processo a que estava inserida de forma diferenciada e transitória a cada enfermo (MATOS & MUGIATTI, 2001, p. 37).

No entanto o pedagogo hospitalar deverá ter o comprometimento com práticas inovadoras e não tradicionais, levando em consideração as condições da criança ou do adolescente hospitalizado. Para a presente pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a pedagogia no contexto hospitalar, mais precisamente sobre classe hospitalar, tendo como objetivo apresentar as práticas dos pedagogos em hospitais, buscando verificar as naturezas e os tipos de imediações pedagógicas realizadas por esses profissionais. O embasamento teórico teve a contribuição de alguns autores: Matos e Mugiatti (2009), Rodrigues (2012) e Matos (2014).

1 PEDAGOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR

A criança e/ou adolescente hospitalizado enfrentam um período em que a sua maneira de ser e estar encontra-se temporariamente modificada. É um novo desafio para a criança e sua família, aumentando a ansiedade de ambos. Experiências de superação, perda, fragilidade pela enfermidade, distanciamento dos colegas e familiares, professores, escola, provocam uma quebra de rotina para crianças hospitalizadas e sua família, que sofre tanto quanto a criança em caso de internação e enfermidade.

Nestes momentos cabe ao professor mais do que apenas conforto, há necessária intervenção pedagógica que faça a criança compreender que a situação atual de internação e medicação endovenosa se faz necessária para recuperar sua saúde e seu retorno ao lar e à escola. (MATOS, 2014, p. 45)

O pedagogo dentro do hospital tem que superar desafios, pois o aspecto cognitivo relaciona-se o tempo todo com o emocional e com a saúde. Ao compreender a causa e os sintomas de sua doença, a criança pode controlar melhor sua ansiedade e isto, dentro de um quadro clínico, contribui para a saúde, tornando um papel indispensável para a pedagogia hospitalar.

A Pedagogia Hospitalar é resultado de alguns estudos acadêmicos que se realizam desde o início do século XXI. Estudos esses que se preocupavam em direcionar atenção às crianças hospitalizadas. Isso ocorreu, pois, durante a Segunda Guerra Mundial, a presença da escola dentro dos hospitais foi de grande importância, visto que neste período um número muito grande de crianças e adolescentes atingidos e mutilados estava proibido de ir à escola. Diante desse fato alguns médicos se engajaram incentivando o atendimento dessas crianças através de classes hospitalares.

A classe hospitalar foi reconhecida definitivamente pelo Ministério da Educação e do desporto em 1994, através da publicação da Política Nacional de Educação Especial (MEC/SEESP, 1994).

No Brasil, a legislação reconhece através do Estatuto da criança e do adolescente Hospitalizado, resolução nº 41 de outubro de 1995 item 9, o “Direito da criança e do adolescente de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, e acompanhamento curricular durante a sua permanência hospitalar” (Brasil, 1995). Antigamente, o trabalho do pedagogo era atrelado apenas à prática docente dentro de sala de aula, porém, tem-se tornando cada vez mais evidente a necessidade da presença destes profissionais em outros espaços como parques, museus, bibliotecas, brinquedotecas, empresas e também nos hospitais. E para essas novas práticas, os pedagogos precisam estar qualificados e preparados.

Verifica-se a necessidade da existência de uma práxis de uma técnica pedagógica nos hospitais. Confirma-se a existência de um saber voltado a criança/adolescente num contexto hospitalar envolvido no processo de ensino e aprendizagem, instaurando-se

aí um corpo de conhecimento de apoio que justifica a chamada pedagogia hospitalar (MATOS & MUGIATTI, 2001, p. 49).

O trabalho pedagógico realizado nos hospitais apresenta diversas formas de atuação e tem estado sob o olhar de diferentes observadores que tentam compreender, explicar e construir um modelo desse novo segmento educacional. A esse trabalho é chamado de *Pedagogia Hospitalar* – que é um trabalho especializado, amplo, que vai além da escolarização e visa levar a criança hospitalizada a compreender seu cotidiano hospitalar.

A pedagogia hospitalar apresenta várias formas de atuação, visto que o conhecimento pode contribuir para o bem-estar físico, psíquico e emocional da criança internada.

Desde o surgimento do processo de ensino-aprendizagem em espaço hospitalar, em nosso país, totalizam 63 anos e este campo de atuação do pedagogo ainda se encontra pouco conhecido. Quando ele surgiu no Hospital Jesus (RJ), em 1950, foi com o caráter de dar continuidade ao processo de escolarização formal para que as crianças não perdessem o ano letivo. E a partir desse marco inicial, que não era tido como uma pedagogia hospitalar e sim como escolarização da criança hospitalizada, foi que surgiu a Classe Hospitalar e também a Pedagogia Hospitalar, como um movimento alternativo para se atender às necessidades educacionais dos escolares hospitalizados, trazendo consigo um olhar sensível sobre a relação de ensino-aprendizagem ocorrido no espaço hospitalar.

Nesse contexto, podemos perceber que a educação em hospitais oferece uma amplitude de possibilidades e de um acontecer múltiplo e diversificado, e esse acontecer não deve aprisionar-se em enquadramentos, pois quando a criança está doente, a ação do professor precisa ser bastante cautelosa para que ela não acabe se distanciando ainda mais do estudo. Por isso é que os trabalhos realizados nas classes hospitalares devem ter o perfil de desenvolver as potencialidades das crianças e não evidenciar os seus fracassos.

O hospital-escola constitui-se num espaço alternativo que vai além da escola e do hospital, haja vista que se propõe a um trabalho não somente de oferecer continuidade de instrução. Ele vai além, quando realiza a integração de escolar hospitalizado, apresentando ajuda não só na escolarização e na hospitalização, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes, traumático da internação. (MATOS; MUGIATTI, 2009, p. 73)

Portanto, a classe hospitalar vem com o objetivo de realizar um trabalho muito mais amplo e significativo para a vida da criança hospitalizada, já que ela não se detém apenas em cumprir um currículo escolar, muitas vezes, burocrático. Ela apresenta um olhar muito mais sensível sobre o escolar hospitalizado, procurando atender também às necessidades sociais e afetivas juntamente com a necessidade intelectual destas crianças.

A pedagogia hospitalar é um ramo da educação que proporciona à criança e ao adolescente hospitalizado uma recuperação mais aliviada, por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas. Além disso, previne o fracasso escolar, que, nesses casos é gerado pelo afastamento da sala de aula onde originariamente estuda (RODRIGUES, 2012, p. 42).

No entanto, esta forma de atendimento é de suma importância e relevância social, pois é por meio dele que se estará assegurando o direito de diversas crianças e adolescentes, que por uma situação adversa da vida, teve seu processo de escolarização interrompido, o acompanhamento pedagógico em classes hospitalares estará também contribuindo para uma redução das chances do fracasso escolar.

2 O PAPEL DO PEDAGOGO

O pedagogo hospitalar tem papel fundamental de realizar atividades abordando todas as áreas do conhecimento, de forma interdisciplinar dentro da educação, pois tem como finalidade acompanhar a criança ou adolescente no período de ausência escolar, internados em instituições hospitalares. Esta nova prática pedagógica que desenvolvem simultaneamente razão, sensação, sentimentos, além de transmitir e construir o saber sistematizado, o pedagogo assume um sentimento terapêutico ao despertar a intuição que ameniza o sofrimento da criança internada no hospital, o paciente se envolve em atividades pedagógicas planejadas por profissionais voltadas a área da educação.

O professor que irá atuar em classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades de educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares.

No entanto fica evidente que para atuar com este tipo de atendimento aos alunos hospitalizados, a docência só poderá ser ministrada por profissionais vinculados ao sistema de educação, em pleno exercício de suas funções e com sua formação continuada garantida (MATOS, 2014, p. 29).

O mesmo deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em educação especial ou em cursos de pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico ou, sejam do ponto de vista afetivo.

Esse profissional, que atua em uma classe hospitalar é um educador que por meio de diversas atividades pedagógicas consegue fazer um elo entre o mundo hospitalar com a vida cotidiana da criança internada, no sentido de avaliar, acompanhar e intervir no processo de aprendizagem da criança/adolescente.

Fatores relevantes as práticas de intervenção pedagógica no hospital devem ser evidenciados, como: levar em conta o momento afetivo clínico e social que a criança se encontra antes de insistir na realização de alguma atividade ou tarefa; promover tarefas da escola com as adequações necessárias e investigar o repertório da criança para que haja novas aprendizagens.

Como o hospital para alguns pedagogos não é o lugar mais comum de trabalho, tanto ele como a instituição precisam de um período de adaptação para que o funcionamento da classe hospitalar seja diferenciado em relação a classe escolar. Para isso é importante que o pedagogo/professor conheça as dependências e os funcionamentos da instituição como o objetivo de saber o que fazer e a quem recorrer diante ao mal-estar de uma criança durante as aulas e conheça as diversas patologias para que possa respeitar os limites de cada aluno-paciente; o diálogo também é uma ferramenta essencial no processo ensino/aprendizagem.

A atenção pedagógica, por meio da comunicação e do diálogo, tão essenciais no ato educativo, se propõe a ajudar o enfermo - criança ou adulto - para que, imerso nessa situação negativa que atravessa, possa seguir desenvolvendo-se em todas as suas dimensões pessoais, com a maior normalidade possível (SIMANCAS & LORENTE, apud MATOS & MUGIATTI, 2001, p.28).

No entanto, percebemos que a prática pedagógica hospitalar não é uma tarefa fácil, assim como não é em outros espaços educacionais, incluindo a escola. O pedagogo, portanto, precisa estar atento às necessidades dos educandos, às diferenças entre os indivíduos e às diversas situações que vão se alterando no decorrer das aulas.

A pedagogia hospitalar, entretanto, necessita de profissionais que abracem esta causa na certeza de que mudanças poderão e deverão acontecer (MATOS, 2014, p. 106).

Nesse contexto a prática docente, nesses espaços, necessita que o profissional seja flexível, compreensivo e com um emocional estável. O professor deverá respeitar os limites do educando, detectar suas necessidades e trazê-las para uma educação capaz de atender estes alunos, dentro de um currículo diferenciado, com adaptações confortáveis e transitáveis a estas crianças/adolescentes.

2.1 QUESTIONÁRIO

1. Existe alguma parceria entre o professor com os demais profissionais do hospital?
2. Como é elaborado o planejamento? Acontece de forma diferenciada? Se sim, como?
3. Há um horário específico para o professor desenvolver as atividades com a criança hospitalizada?
4. Os professores se comunicam com os professores da escola de origem do alunopaciente?
5. Existe um lugar específico, uma classe hospitalar onde o professor atua, ou este trabalho com a criança diretamente no leito?
6. Há uma metodologia específica para crianças em situações hospitalares?

3 RESULTADO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no dia 18 de outubro de 2016, através de um questionário com uma pedagoga graduada em educação infantil e ludicidade, a qual trabalha na classe hospitalar na Santa Casa em Cuiabá-MT e atende as crianças da oncologia (câncer), onde se verificou a metodologia usada na classe hospitalar.

Os professores que atendem às classes hospitalares da Santa Casa são vinculados à Escola Estadual Fenelon Müller e recebem orientação da coordenadora pedagógica da escola. Participam da formação continuada (PEIP) juntamente com a equipe da escola.

A classe hospitalar de oncologia funciona nos seguintes horários: de segunda a sexta das 13h às 17h. O aluno/paciente necessariamente não é obrigado a permanecer por todo este tempo na classe, o horário vai depender da disponibilidade da criança. Antes das crianças chegarem à classe o ambiente é higienizado.

A educadora entrevistada trabalha em parceria com vários profissionais da saúde de forma multiprofissional.

Ela nos explica que algumas crianças são atendidas na classe hospitalar e outras no próprio leito. Portanto, o professor deve aproveitar todos os momentos em que a criança se encontra na classe para atuar, através do diálogo e atividades lúdicas.

Segundo ainda a pedagoga entrevistada, o professor deve se atentar para as particularidades de cada caso, principalmente aos referentes ao estado clínico da criança e do adolescente.

De acordo com Fonseca (apud MATOS, 2014, p. 103), cada criança tem seu próprio ritmo e internaliza de forma diferenciada sua aprendizagem de acordo com seu interesse e necessidade. O meio em que a criança vive é de grande importância para seu aprendizado, portanto cabe às pessoas que a cercam, no caso hospitalar o pedagogo, oferecer uma variação de coisas que ela possa olhar, manusear, experimentar, pensar e fazer.

A professora nos relata que tem todo um currículo, planejamento anual, de acordo com a série da criança e do grau de conhecimento. E o planejamento é direcionado para o lúdico, de acordo com a ocasião e a verificação da aprendizagem do educando, e também acontece através do diálogo.

No entanto, o pedagogo hospitalar deverá ter o comprometimento com práticas inovadoras e não tradicionais, levando em consideração as condições e transitórias de cada criança/adolescente hospitalizado, preocupando-se sempre com o bem-estar de cada aluno, e respeitando suas limitações.

A atenção pedagógica, por meio da comunicação e do diálogo, tão essenciais no ato educativo, se propõe a ajudar o enfermo - criança ou adulto - para que imerso nessa situação negativa que atravessa, possa seguir desenvolvendo se em todas as suas dimensões pessoais, com a maior normalidade possível (SIMANCAS & LORENTE, apud MATOS & MUGIATTI, 2001, p.28).

Ela também nos explica a importância de se trabalhar em parceria com os demais profissionais da saúde, ambos ajudam uns aos outros para o melhor desenvolvimento e bem-estar da criança.

A pedagogia hospitalar por suas peculiaridades e características situa-se numa inter-relação entre profissionais da equipe médica e a educação. Tanto pelo conteúdo da educação formal, como para a saúde e para vida, como pelo modo de trazer continuidade do processo a que estava inserida de forma diferenciada e transitória a cada enfermo (MATOS & MUGIATTI, 2001, p. 37).

A pedagoga hospitalar nos afirma que não tem como estabelecer um padrão a ser seguido como modelo para o desenvolvimento do trabalho de mediação pedagógica nas classes hospitalares, pois, cada uma delas trará consigo uma proposta pedagógica de forma lúdica, buscando atender às necessidades de seu público.

Compreende-se por meio das respostas obtidas por meio da pedagoga entrevistada, a respeito das práticas pedagógicas em ambientes hospitalares, que compartilham da mesma ideia da autora RODRIGUES (2012, p. 42) que afirma, "a pedagogia hospitalar é um ramo da educação que proporciona a criança e o adolescente hospitalizada uma recuperação mais aliviada, por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas".

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar as práticas pedagógicas em classes hospitalares, buscando responder a seguinte problemática: Há uma metodologia específica para as crianças em situações hospitalares.

De acordo com a pedagoga entrevistada, no que diz respeito à metodologia utilizada no ambiente hospitalar onde trabalha, todo o planejamento é redigido de forma lúdica, de acordo com a verificação da aprendizagem do aluno, por meio de histórias, jogos, brincadeiras, conversas, entre outros.

Ao final do trabalho percebeu-se que é incontestável a importância das atividades lúdicas no ambiente hospitalar e sua influência nas etapas do desenvolvimento infantil. É muito mais do que um momento, é uma necessidade. Por meio da brincadeira, a criança/adolescente poderá expressar seus desejos, suas experiências, desenvolvendo o emocional, o social, o espírito criador, a percepção, o físico e o cognitivo.

A prática docente nesses espaços necessita que o profissional seja flexível, compreensivo e com um emocional estável. Deve sempre se preocupar com o bem-estar do aluno/paciente e manter um vínculo com todos do ambiente hospitalar, e também estar atento às necessidades do educando, às diferenças entre os indivíduos e às diversas situações que vão se alterando no decorrer das aulas.

No entanto, verificou-se que a pedagogia hospitalar não tem como estabelecer um padrão a ser seguido como modelo para o desenvolvimento do trabalho de mediação pedagógica nas classes hospitalares, pois cada uma delas trará consigo uma proposta pedagógica que estará buscando atender as necessidades de seu público.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado. Resolução nº 41 de outubro de 1995.

BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei Federal 8069/90.

BRASIL, Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégia e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. –Brasília: MEC; SEESP, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Artigo 13, Diretrizes Nacionais para a **Educação Especial na Educação Básica**. Resolução CNE/CBE nº 2 de 11/09/2001.

BRASIL, **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente**. **Resolução nº 41 de Outubro de 1995 (DOU 17/19/95)**.

FONSECA, S.E. Atendimento escolar no ambiente hospitalar.2003. In: MATOS, Elizete Lucia Moreira. **Escolarização Hospitalar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MATOS, Elizete Lucia Moreira et al.**Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MATOS, Elizete Lucia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Classes Hospitalares: o espaço pedagógico nas unidades de saúde**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.